

“O povo tem mil olhos e mil ouvidos para ver e para ouvir”: O comício de 18 de março de 1942 em Curitiba sob a ótica da Análise do Discurso

Márcio José Pereira¹

RESUMO: O objetivo desse artigo é analisar uma crônica veiculada na Gazeta do Povo de 20 de março de 1942, dois dias após um comício seguido de um ato de depredação violento e generalizado contra residências e comércios de propriedade de indivíduos de origem alemã em Curitiba a partir do exercício de conceitos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, cujo precursor teórico é Michel Pêcheux; procuraremos apresentar a contextualização do documento; suas condições de produção; suas interdições; efeitos de sentido; as figuras de linguagem utilizadas pelo enunciador; a autoridade dada a ele pelos enunciatários e como ela se desdobrou na ação coletiva através de uma ideologia autoritária existente nesse discurso e, por fim, compará-los num sentido mais amplo com as perspectivas de Vargas de manter o ideal nacionalista latente em todo território nacional.

Palavras-chave: Comício, autoritarismo e Análise do discurso (AD)

“The people have a thousand eyes and a thousand ears to see and hear”: The assembly of March 18, 1942 in Curitiba from the perspective of Discourse Analysis

ABSTRACT: The purpose of this article is to analyze a chronic disseminated in Gazeta do Povo of March 20, 1942, two days after a assembly followed by a violent and widespread riot to homes and businesses owned by individuals of german origin in Curitiba and exercising concepts of Discourse Analysis (DA), of the French school, with the theoretical precursor Michel Pecheux; try to present the context of the document; their conditions of production; its prohibitions; effects of meaning; figures of speech used by the enunciator; the authority given to him by enunciated and how it unfolded in collective action through an existing authoritarian ideology that speech and, finally, compare them in a broader sense to the prospects for Vargas to maintain the latent nationalist ideal nationwide.

Keywords: Assembly, authoritarianism and Discourse Analysys (DA)

A documentação produzida durante a Segunda Guerra Mundial no Brasil é incomensurável, produções escritas oriundas de livros, jornais, revistas, da documentação oficial, dos panfletos, correspondências, cartazes, etc. Produções cinematográficas, filmográficas e literatura também compõem essa temática tão estudada. Essa produção constitui um grande acervo de

¹ Doutorando em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

pesquisa para muitos campos científicos; objetos de análise importante para muitos historiadores, sociólogos, filósofos, linguistas, economistas, psicólogos entre tantos outros.

Uma vez que, a Análise do Discurso instituiu-se como um campo de conhecimento centrado na interpretação da língua, do sujeito e da história, reivindicando teoria e método próprios e sua natureza interdisciplinar atraia uma gama elevada de pesquisadores de diferentes áreas, a História não passou incólume a ela.

Sobretudo no que tange às ciências humanas e sociais, o que se dá não é uma mera substituição de um caminho enganoso por caminhos promissores de novas verdades. Trata-se antes de novas perspectivas, que vêm participar da cena, de opções teóricas diversas daquela em relação à qual se produz uma ruptura ou do desejo de redimensionar o objeto de estudo. (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005, p. 305)

A fim de delimitar a pesquisa e retirar o melhor proveito dessas fontes escritas, cada pesquisador irá fazer os recortes de tempo e espaço necessários, bem como elencar os documentos que fazem parte de um contexto mais amplo e determinar quais documentos merecem uma análise mais elaborada e profunda.

A Análise do Discurso surge na França em meio a conjuntura da década de 1960 e 1970, em que os estudiosos procuram entender o processo de construção de sentidos em situações reais de uso de linguagem. Os marcos considerados iniciais são respectivamente o discurso proferido por Jean Dubois, no encerramento do Colóquio de Lexicologia Política de Saint Cloud, em abril de 1968 e a publicação do livro *Análise Automática do Discurso* de Michel Pêcheux, em 1969.

Trata-se de uma abordagem advinda da interdisciplinaridade entre a Linguística, a Psicanálise e o materialismo histórico, nesse entrecruzamento, está presente o que Pêcheux designa como “a tripla entente” (Saussure – Marx - Freud) que fundamenta toda a abordagem inicial. Essa tentativa deu-se quando linguistas relevantes como Denise Maldidier, Régine Robin, Claudine Normand, Michel Pêcheux e Jacques Guilhaumou estavam preocupados em analisar o contexto histórico e as condições de produção dos discursos, nesse

contexto a AD se apresentou como uma possibilidade alternativa de estudo do linguístico, menos enraizada na centralidade do núcleo rígido da Linguística.

Embora seu lugar não esteja ainda articulado dentro do campo do saber, o analista do discurso, vem, dessa forma, trazer sua contribuição às hermenêuticas contemporâneas, mas não pretende se instituir como única especialista, uma vez que “[...] a análise do discurso depende das ciências sócias e seu aparelho está assujeitado a dialética da evolução científica que domina este campo” (MAINGUENEAU, 1989, p.11).

A Análise de Discurso conseguiu romper com a dualidade língua/fala, ao entender que o sujeito não é único e que a relação mundo/linguagem não é direta e que o sentido não é estável, muito menos imutável. Logo, a AD retifica a relação da constituição de um determinado discurso com sua exterioridade, preocupando-se não só com a fixação de um significado para um discurso, mas também, com o funcionamento da língua e quais estratégias serão utilizadas na montagem do discurso, “[...] se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar um outro, mas da relação de sentidos estabelecidas por eles num contexto social e histórico.” (ORLANDI, 2001, p. 63)

Ao realizar um itinerário histórico para a AD, a linguista Helena Brandão (2003) aponta uma guinada na linhagem francesa pós 1975, quando nomes como Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau passam a estabelecer novas abordagens e problematizar esse campo de estudo do discurso com as noções de objeto, de sujeito e de *corpus*. A partir dessas novas perspectivas a AD se aproxima de outros pensadores que contribuirão de maneira impar para seu desenvolvimento, com Michel Foucault surge a demanda da ciência histórica, suas discontinuidades, sua dispersão que implicará na inclusão do conceito de formação discursiva, na discussão das relações entre os saberes e os micro poderes, na preocupação com a leitura, a interpretação e a memória discursiva. De Bakthin surge a questão da heterogeneidade, do dialogismo e dos contextos sócio históricos inerentes à discursividade. Já a inquietação em relação a análise dos discursos cotidianos e das práticas triviais humanas é oriunda dos debates realizados por Michel de Certeau.

No Brasil, a maior referência no campo da AD é a linguista Eni Pulcinelli Orlandi, que difundiu a Análise do Discurso de origem francesa no país; além de sua vasta produção e proximidade com os trabalhos de Pêcheux, contou com a institucionalização da Análise do Discurso como disciplina fixa dos currículos de graduação e pós-graduação do Departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), como elemento primordial de disseminação da AD no país.

Sobre a pertinência da Análise do Discurso da escola francesa, sua influência e relação interdisciplinar, destacamos:

Em relação ao campo da AD francesa, tem se verificado uma intensa difusão da sua prática; prática que se vê influenciada pela emergência das diferentes tendências de abordagem do fato linguístico como a pragmática, a teoria da enunciação, a linguística textual. Influência que não vejo como negativa, pois compreensível na própria agenda programática da AD, na medida em que operando com conceitos como heterogeneidade, alteridade, o outro no mesmo, ela não pode se furtar ao diálogo interdisciplinar sem perder, entretanto, o rosto, a identidade, pois uma disciplina que preza a historicidade, não pode se deixar congelar por qualquer tipo de imobilismo ou fixidez. (BRANDÃO, 2003, p. 10)

Dadas essas características iniciais sobre a AD e sua relação com as ciências humanas, pleiteamos apresentar o objetivo desse pequeno ensaio, que é analisar uma crônica veiculada no Diário da Tarde de 20 de março de 1942, dois dias após um comício que se desdobrou em protesto e depredação das residências e comércios de propriedade de indivíduos de origem alemã em Curitiba, pelo cronista Rodrigo de Freitas da Rádio PRB2. Ao exercitar os conceitos da Análise do Discurso, apresentamos a contextualização do documento; suas condições de produção; suas interdições; efeitos de sentido; as figuras de linguagem utilizadas pelo enunciador; a autoridade (instituição) delegada a ele pelos enunciatários e como ela se desdobrou na ação coletiva e a vontade de verdade existentes nesse discurso.

O trabalho em si não tem como objetivo emitir julgamento de valor a respeito do autor do texto analisado, mas de identificar pistas de um discurso pertencente à parte da população paranaense em relação aos alemães naquele momento e quanto os discursos, tal qual o que apresentaremos adiante, criaram ou ajudaram a fomentar uma percepção negativa em relação

aos indivíduos de origem alemã no Paraná durante a Segunda Guerra Mundial – no caso específico do documento em Curitiba.

Reiteramos a importância de destacar que neste momento da história paranaense, esses elementos de origem germânica já faziam parte da sociedade paranaense, estavam inseridos na vivência coletiva e alguns se destacavam em cargos importantes, lembramos que boa parte era a segunda ou terceira geração de famílias imigrantes, nascidos no Brasil e os laços que mantinham com a Alemanha eram juridicamente nulos.

A fim de cumprir nosso objetivo, organizamos o trabalho obedecendo a seguinte disposição das ideias: 1) Apresentar o fato que originou o discurso e contextualizá-lo historicamente apresentando as condições de sua construção; 2) Expor o texto a ser analisado, transcrevendo-o integralmente e de maneira literal; 3) Em seguida, mobilizar alguns conceitos da Análise do Discurso que julgamos pertinentes ao procedimento de análise e 4) Apresentar as considerações finais e possíveis resultados.

O COMÍCIO PACÍFICO QUE SE TRANSFORMOU EM PROTESTO VIOLENTO – O FATO ANTES DO DISCURSO

A crônica que iremos analisar e que será posteriormente transcrita conforme a publicação original foi divulgada em dois veículos da imprensa curitibana simultaneamente, impressa na Gazeta do Povo e transmitida na Rádio PRB2 no dia 20 de março de 1942, a mesma não é um recorte de um texto maior, tratando-se de um documento único. Por opção metodológica mantivemos os erros ortográficos e gramaticais, afim de apresentar sem rasuras a forma de escrita da década de 1940 e a composição estética do discurso.

O texto foi escrito dois dias depois de um comício ocorrido na região central de Curitiba. Sem o devido entendimento desse fato anterior o discurso de autoria de Rodrigo de Freitas perde o sentido de análise, ou melhor, o não conhecimento dos fatos que motivaram a produção do texto pode resultar em uma análise com resultados completamente diferenciada.

O referido jornalista publicava semanalmente uma crônica na Gazeta do Povo, abordando assuntos polêmicos que circulavam pela sociedade curitibana ou destacando assuntos de cunho político/policial do Brasil e do

mundo. Fervoroso combatente do Eixo, em 1943, publicou um livro intitulado “*Brasil Alerta: Comentários de combate aos totalitários e a Quinta Coluna*”, que reunia todas as transcrições dos discursos realizados por ele ao microfone da Rádio PRB-2 sobre o envolvimento do Brasil no conflito bélico mundial e sobre a relação difícil com os elementos considerados “eixistas”.

A Praça Osório foi o palco inicial da manifestação, onde líderes comunitários, professores, jornalistas, advogados e outros profissionais se reuniram para discutir o posicionamento do governo brasileiro em relação as mortes e prejuízos ocasionados pelo afundamento de navios do Lloyd Brasileiro por submarinos (*U-Boats*) alemães na costa do Atlântico. Essa reunião, ocorrida pela manhã, foi largamente acompanhada pela população curitibana e logo que se encerraram as defesas de um Brasil soberano e de um real posicionamento de Vargas contra a Alemanha a população assistiu um desfile organizado pelas escolas.

Os jornais relataram que todo o evento transcorreu de maneira ordeira, a polícia não fez nenhuma intervenção e embora agentes da DOPS/PR provavelmente acompanhassem o comício, não houve relato digno de nota. O único relato que encontramos da DOPS/PR ocorreu já no final da noite em referência ao incêndio ocorrido na Casa Mascote. Toda a ação violenta ocorreu fora do programado, uma vez que os organizadores previram um evento que terminasse com o desfile das escolas, porém, ao término deste iniciou-se uma nova passeata que se deslocou da Praça Osório para a Praça Santos Andrade, na região mais central da cidade.

O trajeto entre as praças não é longo, pouco mais de um quilometro e meio, chegando na Santos Andrade um novo comício foi organizado, mas sem a presença de autoridades. Dessa vez com diversos oradores e entre eles o já conhecido delator do nazismo e de seus praticantes Rodrigo de Freitas, radialista da PRB2 e cronista da Gazeta do Povo. A partir desse novo comício partiram em conjunto para externar sua repulsa depredando o patrimônio comercial e residencial de elementos que supunham pertencer ao Eixo. No tocante à depredação, foram contabilizados sessenta e oito estabelecimentos comerciais depredados, sendo estes de propriedades de alemães, japoneses, italianos e outras nacionalidades – que mesmo não fazendo parte do confronto

bélico, fizeram parte da empreitada por terem nomes e sobrenomes que eram confundidos com o dos elementos considerados subversivos.

Mesmo os brasileiros descendentes pagaram o preço do "civismo curitibano". Alfredo Weiss, nascido no Brasil e estabelecido em Curitiba desde 1893, teve seu estabelecimento – Foto Progresso - completamente depredado durante a manifestação da noite do dia 18.03.42. Otávio Zucon (1997) enumera alguns atentados que compuseram esse cenário e que são retratados também em parte dos documentos que restaram da DOPS/PR sobre o comício. Entre as dezenas de atos violentos, destacamos a situação do Foto Progresso, o incêndio provocado na Casa Mascote, empresa que comercializava produtos usados e de segunda mão, a depredação da Casa Suíça, loja de materiais elétricos de propriedade de Alfredo Bollinger, o quebra-quebra geral da loja de meias Mousseline, entre outros.

Em relação ao incêndio da Casa Mascote, os laudos do Corpo de Bombeiros de Curitiba demonstram que não houve vítimas, mas que os prejuízos foram enormes, segundo o oficial responsável, o 2º Ten. Joaquim de Souza Teixeira, no incidente foram utilizados três caminhões pipas da corporação que foram chamados aos 55 minutos do dia 19.03.1942 e que levaram cerca de cinquenta minutos para extinguir o fogo, visando, sobretudo, proteger as casas e os estabelecimentos que rodeavam o prédio.

Zucon (1997, p. 112) descreve um detalhe que ajuda a compreender a motivação dessas pessoas; em meio ao quebra-quebra, cessaram o ataque à Casa Mascote quando localizaram em seu interior uma fotografia de Getúlio Vargas, e logo que a foto foi "salva", retornaram à pancadaria. No relatório apresentado pelo agente da DOPS o mesmo destacou que após um indivíduo não identificado irromper em meio as chamas com o quadro do grande “pai da nação” em mãos foi aclamado com palmas e gritos de “Viva Getúlio” por todos os manifestantes.

Outros dois incidentes têm como causa fatores comuns, primeiro o fato da população não saber diferenciar os diversos sobrenomes dos imigrantes existentes na cidade e relativizar automaticamente para alemães, italianos e japoneses, e o segundo, comum durante manifestações, esquecerem a "causa da luta" e agirem instintivamente, destruindo e depredando bens, locais ou pessoas que nada possuíam ligação com o protesto.

A Casa Suíça de Alfredo Bollinger foi completamente destruída pelos manifestantes. No dia seguinte, este se dirigiu à delegacia para revelar que era de nacionalidade suíça e que esse país mantinha-se neutro diante do conflito mundial², dessa forma, ele não poderia ser prejudicado pelo fato dos manifestantes não possuírem informações precisas sobre a guerra. Já a loja Mousseline, de propriedade de um brasileiro, foi devastada na noite anterior e seu proprietário foi até a redação do Diário da Tarde para que fosse publicada uma nota de esclarecimento informando que "*Mousseline*" era uma palavra de origem francesa e que significava tecido leve, sendo este matéria-prima para fabricação de meias, e que o nome não possuía vínculo algum com o comandante supremo do fascismo italiano.

Nem só os estrangeiros "não eixistas" se dirigiram até as delegacias para contestar; mais do que isso, um grupo de trabalhadores brasileiros da empresa Theodoro Schaitza e Cia – de propriedade de um alemão e de um brasileiro nato – foram no dia seguinte até a Chefatura de Polícia entregar um abaixo-assinado ao delegado Fausto Bittencourt, argumentando que a maioria dos trabalhadores era brasileiros e que daquela fábrica dependiam muitos outros brasileiros, solicitando garantias de que a mesma não fosse atacada novamente.

São quase cinquenta assinaturas que seguem junto à solicitação. Esse tipo de atuação da população demonstra que ainda havia uma coexistência entre imigrantes e brasileiros, e que embora a grande maioria estivesse totalmente de acordo com as medidas nacionalistas adotadas pelo Estado Novo, alguns ainda não haviam absorvido o discurso da grande imprensa contra os imigrantes.

Ao ser informado dos acontecimentos e das ocorrências da noite do comício, o interventor estadual Manoel Ribas não censurou os paranaenses e ainda elogiou a postura patriótica do povo diante do momento incisivo e belicoso que a pátria atravessava. Todavia, para não deixar o paternalismo costumeiro de lado, apressou a organização da Liga de Defesa Nacional no Estado, visando controlar e coordenar as forças cívicas nacionais pelos

² Diário da Tarde, Curitiba. 20.03.1942 e *Relação das Casas depredadas no comício realizado (sic) em 18.03.1942*. Fls. 3-5. – Comício de 18.03.1942 – Pasta Temática nº 254 – Topografia 27.

caminhos considerados corretos pelo Estado Novo. Não ocorreram desdobramentos mais severos em relação as manifestações ocorridas na data, posteriormente outras situações foram relatadas pela DOPS em Curitiba, Antonina, Paranaguá e no interior, sendo que algumas ocorreram antes mesmo da declaração efetiva de guerra ao Eixo e outras com maior fluidez após a concretização da beligerância.

O DOCUMENTO SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO

Sobre os acontecimentos do dia dezoito, o cronista da PRB2, Rodrigo de Freitas, publicou no dia 20/03/1942 em sua coluna um texto enaltecendo a participação da população nos atos de protesto. É certo que a população ficou em polvorosa com as palavras de Freitas e com os resultados das ações contra os "filhos de Hitler", mas para a polícia e em especial para a Secretaria de Justiça esse evento ocasionou muitos problemas internos, uma vez que a inteligência policial falhara em não perceber a movimentação antes do ocorrido.

Infelizmente os dados e informações que possuímos sobre o autor da crônica são escassos, sabemos que o mesmo era radialista da PRB2, e que esta era a maior rádio de Curitiba naquele momento; que escrevia uma crônica semanal na Gazeta do Povo e que foi fichado pela DOPS/PR por baderna e pertencimento a grupos comunistas, também por participar avidamente das contendas políticas que envolviam o país.³

Abaixo segue a transcrição completa e literal do documento, a seguir trataremos os recortes e partes de destaque para nossa análise. Reiteramos a transcrição conforme foi publicada, as diferenças ortográficas e erros gramaticais serão destacados unicamente no final do texto através da utilização da terminologia latina (sic).

³ Essas informações sobre apoio aos comunistas foram recolhidas em um relatório do Tenente Coronel Agenor Brayner remetido ao General Pedro de Albuquerque, uma vez que o tenente recebeu uma lista com dezesseis nomes destacados como líderes do quebra-quebra e do convencimento da população na participação da depredação. Infelizmente não temos os autos de declaração desses indivíduos, somente o relato do tenente sobre cada um deles. Ofício da 5ª Região Militar nº 55 B/C de 10.04.942 – Secretária de Segurança Pública (Antiga Chefatura de Polícia) – Pasta Temática nº 1747 – Topografia 209.

“O povo tem mil olhos e mil ouvidos para ver e para ouvir” – Crônica do dia de PRB2 lido no dia 20-3-1942 – Rodrigo de Freitas

Os acontecimentos anteontem verificados em Curitiba, valem bem por uma reabilitação que constituíram a demonstração concreta da existência do civismo em nosso povo. Esse sentimento dormia nos ânimos e nos corações, mas não havia morrido. Vivia a vida latente, aguardando o momento de florir a luz dos acontecimentos. Bastava uma centelha para fazê-lo explodir. E explodiu. Houve entretanto, uma pequena minoria que, no pitoresco dizer popular, “achou ruim”. É possível. A grande maioria, a quase totalidade, porém, dos brasileiros, achou muito bom. Mas – dirá aquela minoria – brasileiros foram alvos também de demonstrações do desagrado popular. Brasileiros, não! Indivíduos, apenas nascidos no Brasil. E para ser brasileiro não basta esta circunstância fortuita do acaso. Para ser brasileiro é necessário nascer no Brasil e ser brasileiro cem por cento, de alma e coração. Esses que vivem adorando os ídolos da terra de seus ancestrais; esses que colocam o amor ao Brasil em nível inferior a admiração pelos trociscos e berradores desencadeadores de guerras, de tragédias, de hecatombes; esses que gozem intimamente o sadismo da alegria que lhes causam o afundamento de nossos navios e o assassinio de nossos marinheiros; esses que vivem a repetir, a decorar, como orações sagradas, toda a baboseira, toda a imbecilidade das ideias absurdas que seus pais e avós trouxeram dos velhos países carcomidos por todas as paixões ignóbeis; esses que tiveram a coragem de envergar camisas coloridas, que se enfeitaram com crachás e balagandans de importação; esses, podem ter nascido no Brasil, podem ser tudo que quiserem, menos brasileiros.

Não, houve portanto, injustiças. O povo tem mil olhos e mil ouvidos para ver e para ouvir. Provou que sabe muito bem distinguir o joio do trigo. Que sabe onde se acoitam os inimigos e de onde arrancá-los para o merecido castigo no momento oportuno. Já temos sido, por mais de uma vez vítimas indefesas de atos de guerra. Estamos na iminência de nos vermos envolvidos na fogueira mundial. Não há, portanto, como deixar de sanear a retaguarda para evitar que a nossa mocidade seja fuzilada pelas costas por traidores de camisas pardas, negras ou verdes.

Se os acontecimentos de anteontem algo de excesso tiveram, se não é aconselhável a sua reprodução, um mérito não se lhe pode negar. Serviram eles para demonstrar aos inimigos do Brasil que os brasileiros os conhecem e sabem onde eles se ocoitam. É inútil, pois, guardar as camisas coloridas pra o momento que jamais chegará. Deem-lhes outro uso qualquer, certamente tão digno como esse de servir de uniforme aos assassinos da própria pátria. Quanto a nós, soldados desta guerra gloriosa de brasilidade, sentinelas vigilantes das fronteiras do nosso patriotismo, nós nos manteremos alertas e alterosos enquadrando as nossas atividades no ritmo das atuações das autoridades legais, das quais nos constituímos eficientes colaboradores. (sic)⁴

Apresentado o texto, passaremos a analisar o mesmo a partir de alguns conceitos defendidos pela AD. Os trechos específicos que serão analisados serão ordenados numericamente de forma que fique bem balizados.

⁴ Publicado na Gazeta do Povo, Curitiba. 20.03.1942 – Recorte obtido na pasta sobre o Comício de 18.03.1942 – DOPS/PR - Pasta Temática nº 254 – Topografia 27 - Arquivo Público do Estado do Paraná.

Utilizaremos para destacar os trechos proeminentes o recurso de negritar palavras ou frases que necessitem de ênfase ou mereçam maior relevância no trecho examinado. Reiteramos que todos os recortes serão feitos do documento acima transcrito, logo não serão repetidamente referenciados, sendo apenas numericamente demarcados.

O primeiro conceito que destacamos ao analisar o documento é o sujeito, lembrando que o sujeito não é a fonte absoluta do significado, do sentido, não é a origem, pois ele se compõe por falas de outros sujeitos. Dessa forma, aquele que toma posse da fala, em nosso caso o radialista Rodrigo de Freitas, não pode ser visto como a fonte única de todo discurso, uma vez que o sujeito é resultante da interação de várias vozes, numa relação ideológica e social, portanto tem caráter heterogêneo. Ele fala, mas sua fala é procedente de inúmeras vozes que ele representa, ou deseja representar em nosso caso de estudo.

A partir do momento em que a centralidade absoluta do sujeito no discurso é questionada, entendemos que para a AD esse sujeito possui também um caráter histórico, além do ideológico, tendo em vista que o mesmo está inserido num determinado lugar e tempo. É a partir do contexto bélico mundial e dos seus desdobramentos no Brasil, que o sujeito posiciona seu discurso em Curitiba a partir de uma variedade de outros discursos adquiridos nesse mesmo contexto. Portanto, o conteúdo do texto deve ser analisado considerando essas influências recebidas da conjuntura de crise mundial e da repercussão dessas falas no meio curitibano, tendo em vista que o sujeito em análise não deseja se ocultar, muito pelo contrário.

Outro fator importante é pensar na instituição do discurso, acreditamos que o discurso em análise é claramente instituído, primeiro pela imprensa, afinal o rádio e o jornal conferem ao mesmo um poder de expressão grandioso, uma vez que nesse momento essas duas mídias são as de maior expressão. Segundo, pela reciprocidade dirigida a ele pelos seus ouvintes, uma espécie de contrato que pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais sejam capazes de entrar em acordo a propósito das representações de linguagem destas práticas.

Essa reciprocidade pode ser evidenciada nos atos de violência, na medida em que não existem nos documentos analisados a evidência que

Rodrigo de Freitas convida ou convoca a multidão a depredar o patrimônio dos elementos considerados “quinta-colunas”, “eixistas” ou subversivos. É a compreensão individual ou coletiva que transforma a fala polêmica em ação, logo, saíram do plano discursivo para a prática.

Nesse sentido indagar: “*Quem fala? Quem, no conjunto de todos os indivíduos falantes, tem a autoridade de exercer esta espécie de linguagem?*” (FOUCAULT, 2012, p. 68), nos parece bastante pertinente, uma vez que, em seu discurso, ele se inscreve na mesma condição dos seus ouvintes, empaticamente se mantém inserido no grupo por todo o texto e explicitamente no final reitera a sua condição coletiva, vejamos no **Recorte 01**, quando Rodrigo de Freitas estrategicamente nivela todos os participantes do protesto ao mesmo patamar utilizando enfaticamente pronomes “nós”, “nosso”, “nossas”:

R1. Quanto a nós, soldados desta guerra gloriosa de brasilidade, sentinelas vigilantes das fronteiras **do nosso patriotismo, nós nos manteremos alertas** e alterosos, enquadrando **as nossas atividades** no ritmo das atuações das autoridades legais, das quais **nos constituímos eficientes colaboradores**. (grifo nosso)

Ao discursar sobre a bandeira da coletividade e tendo como objetivo de exercer certa autoridade, o *ethos* é explicitado, corroboramos com Maingueneau sobre sua ideia de *ethos* como sujeito que possui uma história institucionalmente constituída, “as propriedades que os oradores se conferiam implicitamente, através de sua maneira de dizer, não o que diziam a propósito deles mesmos, mas o que revelavam pelo próprio modo de se expressarem” (1989, p.48-49). Esse é o caminho que Rodrigo de Freitas toma para receber autorização para falar pelos outros. Entendemos que é justamente o testemunho da massa e a aceitação do discurso que confere autoridade ao discurso.

Concordamos com Pierre Bourdieu, quando o mesmo alega que:

O verdadeiro milagre produzido pelos atos de instituição reside sem dúvida no fato de que eles conseguem fazer crer aos indivíduos consagrados que eles possuem uma justificação para existir, ou melhor, que sua existência serve para alguma coisa. (BORDIEU, 1996, p. 26)

O enunciador apresenta sua visão de mundo e defende as suas verdades - ou o que Foucault (2012) chama de “*vontades de verdade*” - em várias partes do discurso frases são construídas a partir de princípios que não necessariamente representam o todo da população. Quando por exemplo defende que o quebra-quebra foi “*a demonstração concreta da existência do civismo em nosso povo*”, ou quando alega que existe uma necessidade de manter um estado de alerta em relação aos nazistas, fascistas e integralistas representados pelas cores de camisa: “*Não há, portanto, como deixar de sanear a retaguarda para evitar que a nossa mocidade seja fuzilada pelas costas por traidores de camisas pardas, negras ou verdes.*”

Nesse momento todos os partidos estão na marginalidade, uma vez que Getúlio Vargas promulgou a extinção dos partidos e agremiações políticas nacionais ou de origem estrangeira no país ainda em 1938. É fato que Vargas buscou apoio dos interventores estaduais para estabelecer planos de mobilização que alinhassem todas as classes sociais diante do apelo de guerra, que a DOPS atuou firmemente para ampliar a adesão da população à causa nacional e para conter toda e qualquer atitude considerada suspeita ou que ferisse a segurança nacional, porém, é impossível assumir o integral o apoio da população a Vargas com relação a participação do Brasil na guerra.

Ao estabelecer um só marco e uma só medida, o enunciador interdita aqueles que não se manifestam e os que são contrários aos atos radicais ocorridos no protesto por meio de um sistema de exclusão com suporte institucional, estabelecendo um acordo tácito entre locutor e ouvinte. Foucault ao tratar da vontade de verdade como um sistema de exclusão, assevera que:

Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas [...] creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional, tende a exercer sobre os discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção. (FOUCAULT, 2012, p. 16-17)

O enunciador usa seu poder instituído para *interditar* alguns sujeitos, a fim de manter a coerência de sua vontade de verdade e pressionar seus ouvintes a uma adesão, conferindo assim mais eficácia ao discurso. De maneira quantitativa o enunciador busca estabelecer parâmetros para diminuir

a força ou marginalizar o discurso daqueles que se opuseram as manifestações do dia 18 de março de 1942. Perceberemos no **Recorte 02**, como são marginalizados aqueles que não concordaram com a violência do protesto.

R2. Houve entretanto, **uma pequena minoria** que, no pitoresco dizer popular, “achou ruim”. É possível. **A grande maioria, a quase totalidade**, porém, dos brasileiros, achou muito bom. Mas – **dirá aquela minoria** – brasileiros foram alvos também de demonstrações do desagrado popular. (grifo nosso)

Além de colocá-los em uma situação de minoria, Rodrigo de Freitas ainda apresenta uma discussão muito latente naquele momento, o debate sobre ser brasileiro ou estrangeiro, uma vez que muitos alemães se valiam de conceitos jurídicos como do *jus sanguinis* em contrariedade ao *jus solis* para alegarem sua nacionalidade alemã, mesmo tendo nascido no Brasil, ao mesmo tempo em que outros se valiam do seu nascimento em solo nacional para despistar suas ligações com o nacional-socialismo ou sua admiração ao líder do NSDAP.

O autor do discurso é sagaz em atribuir limites para o verdadeiro brasileiro, no **Recorte 03**, quando coloca em cheque todos aqueles que estiveram ligados efetivamente aos grupos nazistas e integralistas e também aqueles que se orgulhavam de sua ascendência estrangeira, impondo condições específicas para que determinado sujeito seja aceito como elemento nacional:

R3. Brasileiros, não! Indivíduos, apenas nascidos no Brasil. E para ser brasileiro não basta esta circunstância fortuita do acaso. **Para ser brasileiro é necessário nascer no Brasil e ser brasileiro cem por cento, de alma e coração.** (grifo nosso)

Uma das preocupações da AD de origem francesa é entender as figuras de linguagem existentes no discurso. Em nosso caso o autor as utiliza para adjetivar aqueles que são interditados; no **Recorte 04**, os alemães e italianos são taxados de “*truculentos e berradores desencadeadores de guerras, de tragédias, de hecatombes*”; aquele que defendiam o direito de ser estrangeiro pela ligação sanguínea com seus familiares, também não são poupados:

R4. Esses que vivem adorando **os ídolos da terra de seus ancestrais**; esses que colocam o amor ao Brasil em nível inferior [...] que vivem a repetir, a decorar, como orações sagradas, **toda a babozeira, toda a imbecilidade das ideias absurdas que seus pais e avós trouxeram** dos velhos paizes carcomidos por todas as paixões ignóbeis. (sic) (grifo nosso)

Essas figuras de linguagem são parte de outra vertente do ato de instituição, que assim como a nomeação podem ser fundamentais para desqualificar determinados sujeitos no discurso. Os insultos são por nós entendidos como ações que visam desestabilizar determinados sujeitos e exigir dos mesmos um comportamento em conformidade com o padrão estabelecido; nesse caso, a exigência passa pelo patriotismo, pela negação do elemento considerado alienígena dentro de um processo de construção da brasilidade.

Rodrigo de Freitas, que outrora fora fichado e retido como elemento comunista pela DOPS/PR, ao insultar tem em mente estabelecer parâmetros de definição para brasileiros “bons” e “maus”, “patriotas” e “subversivos”, no **Recorte 05** ele utiliza de forma depreciativa o uso dos uniformes dos partidos – partidos como o NSDAP e a AIB que se apresentavam fardados e desfilavam pela cidade abertamente antes da proibição em 1938 – afinal, ligação partidária é um entrave ao nacionalismo.

R5. [...] esses que tiveram a **coragem de envergar camisas coloridas**, que se enfeitaram com crachás e balagandans de importação; esses, **podem ter nascido no Brasil, podem ser tudo que quiserem, menos brasileiros.** [...] Não há, portanto, como deixar de sanear a retaguarda para evitar que a nossa mocidade seja fuzilada pelas costas por **traidores de camisas pardas, negras ou verdes.** [...] É inútil, pois, **guardar as camisas coloridas pra o momento que jamais chegará.** Deem-lhes outro uso qualquer, certamente tão digno como esse de servir de uniforme aos assassinos da própria pátria. (sic) (grifo nosso)

Em nossa opinião, estamos tratando de um discurso autoritário “em que a reversibilidade tende a zero, estando o objeto do discurso oculto pelo dizer, havendo um agente exclusivo do discurso e a polissemia contida” (ORLANDI, 1983, p. 143). Em várias partes do discurso a irreversibilidade dos fatos é visível, a posição apresentada pelo autor não é discutível, vejamos alguns trechos: a) “*Não, houve portanto, injustiças. O povo tem mil olhos e mil ouvidos para ver e para ouvir. Provou que sabe muito bem distinguir o joio do trigo.*”; b) “*Não há, portanto, como deixar de sanear a retaguarda para evitar*

que a nossa mocidade seja fuzilada pelas costas”; c) “Esse sentimento dormia nos ânimos e nos corações, mas não havia morrido. Viviam a vida latente, aguardando o momento de florir a luz dos acontecimentos.”

O enunciador elimina a interlocução locutor-ouvinte por meio do discurso autoritário, onde a polissemia é contida, o referente está apagado pela relação de linguagem que se estabelece e o locutor se impõe como agente exclusivo, obliterando totalmente a possibilidade de interlocução, obtendo um efeito de sentido legítimo.

Não seria desmedido trabalhar esse discurso de Rodrigo de Freitas dentro da tipologia designada pela linguista e analista do discurso Eni Orlandi (1983, p. 143) para os discursos polêmicos, uma vez que algumas atribuições se encaixem bem para a análise do mesmo, principalmente no que tange a reversibilidade, uma vez que ao ser recebido pelo leitor do jornal ou pelo ouvinte do rádio as opiniões sobre o texto podem se desdobrar fora do limite zero estabelecido pelo discurso autoritário.

Em suma, o discurso presente no documento analisado não foge às questões que ecoavam naquele momento, questões que discutiam a nacionalidade, as lutas em torno de uma identidade nacional e os conflitos com as comunidades estrangeiras que se constituíam em entraves para a eclosão de um “grande Brasil brasileiro”. Nesse sentido, o discurso de Rodrigo de Freitas encontra-se alinhado ao discurso da grande política; o Estado Novo carece da crença dos brasileiros ao mesmo tempo em que se organiza sob a ótica de um estado de exceção. Pensando com Bordieu, o discurso avaliado faz parte dessas lutas onde o maior poder é justamente “o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, tão logo se impõem ao conjunto de um grupo, estabelecem o sentido e o consenso sobre o sentido.” (1996, p. 28)

Considerações Finais

Acreditamos que naquele momento as questões de identidade e a possibilidade de uma efetiva participação na Segunda Guerra Mundial trouxeram à tona um elemento mais marcante que a discussão ideológica, o instinto de sobrevivência. O discurso proferido por Rodrigo de Freitas está

marcado pela defesa da soberania nacional, pela conservação da unidade do país e pela ojeriza ao elemento considerado *eixista*. Comparado ao que estava sendo produzido em escala nacional pela política varguista, entendemos que existia total alinhamento de ideias e fiel compromisso com a efetivação de um projeto nacionalista, por parte do autor.

Embora os fatos tenham se desencadeado de maneira violenta e depredatória, não desejamos emitir juízo ou defesa da legalidade do processo, o que desejamos salientar é que: A partir da AD pudemos perceber a potencialidade do discurso e como o mesmo possibilitou que pensamentos desiguais fossem reunidos sob um único propósito, mesmo que momentaneamente instigados pelo ódio aos “súditos do Eixo” e pela não percepção integral dos atos realizados, partindo então, para a violência generalizada.

Na medida que explorar a Análise do Discurso denota aventurar-se a entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e com a sociedade que o produz foi possível perceber os lugares de interação, o reconhecimento, a apropriação da linguagem e os usos da língua para interditar, insultar, qualificar e significar o outro, no texto analisado.

Por fim, concluímos que o exercício de pensar o discurso referente ao comício de 18 de março de 1942 foi bastante produtivo e que com sorte poderão ser estendidos a outros recortes que fazem parte desse contexto histórico tão relevante que é o da reconstrução do período da Segunda Guerra Mundial no estado do Paraná, ainda, entender o lugar do discurso, as condições de sua aparição, possibilitando-nos a validar a interação da Análise do Discurso de origem francesa como teoria de interpretação interdisciplinar, rica em possibilidades e profícua para as investigações e questionamentos da História.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas Linguísticas*. O que falar quer dizer. Tradução de Sérgio Miceli. São Paulo: EDUSP, 1996.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Análise do Discurso: Um itinerário histórico. In: PEREIRA, Helena B. C.; ATIK, Maria Luisa G. (Org.). *Língua, Literatura e Cultura em Diálogo*. São Paulo: Mackenzie, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 12ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2012.

MAIGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1989.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A Linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, São Paulo: Pontes Ed., 2001.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória. *Revista Alea*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p.305-322, jul. 2005. Semestral.

ZUCON, Otávio. *Comunidade Cindida: dissensão e conflito em Curitiba na II Guerra*. Curitiba, *Revista de Sociologia e Política*, nº 9, 1997. p. 103-114.

FONTES

Comício de 18.03.1942 – DOPS/PR - Pasta Temática nº 254 – Topografia 27 - Arquivo Público do Estado do Paraná

Secretária de Segurança Pública (Antiga Chefatura de Polícia) – Pasta Temática nº 1747 – Topografia 209 - Arquivo Público do Estado do Paraná